

*História e histórias.*<sup>1</sup>

ROSA MARIA CUBA RICHE

## OS ESTUDOS TEÓRICOS SOBRE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA DÉCADA DE 1980

Quando Glória Pondé publicou *A arte de fazer artes* (Nórdica: 1985), o campo de investigação da literatura infantil e juvenil já se mostrava amplo e fértil ao pesquisador e permanece a cada dia mais instigante. Desde o espaço de intersecção que caracteriza os territórios do infantil e do juvenil, que faz desaparecer as fronteiras de uma obra e acaba por situá-la na categoria infantojuvenil, os conceitos de infantil, juvenil e criança, que precisam ser pensados como constructos históricos, até a própria configuração estética do gênero; além do modo como as relações de produção e recepção inseridos em um contexto histórico, social, econômico e cultural, nada tem escapado aos olhos dos pesquisadores da área.

Só para situar o cenário dos estudos sobre a literatura infantil e juvenil, desde as primeiras incursões e sem pretensões de fazer um levantamento de todas as publicações, vale lembrar alguns pioneiros, como Tristão de Athayde e seus estudos sobre a *Poesia infantil* (Centro Dom Vidal: sd) e sobre a *Literatura infantil* (A ordem: 1929) bem como os primeiros estudos de especialistas sobre a obra de Monteiro Lobato. Na década de 1950, mais precisamente em 1951, Cecília Meirelles, poetisa e educadora, publicou *Problemas da literatura infantil* (Summus), reunindo três conferências que realizou em Belo Horizonte, por ocasião de um curso promovido pela Secretaria de Educação, com apresentação de Abgar Renault e desenhos de vários ilustrado-

res, entre eles Lewis Carroll.

Em 1959, Bárbara Vasconcelos de Carvalho, escritora e professora, pioneira no ensino de literatura infantil nos currículos escolares, publicou um *Compêndio de literatura infantil* pela Companhia Editora Nacional. A obra reúne um conjunto de saberes relativos à literatura infantil considerados necessários para a formação do professor primário no momento histórico em que foi publicado e utilizado. Ela é considerada a primeira autora de um livro teórico sobre literatura infantil brasileira. A obra serviu à época não somente como livro didático, mas também como fonte de teorização sobre literatura infantil, e se tornou referência para autores de manuais sobre o mesmo assunto.

No final dos anos 1960, Leonardo Arroyo, outro pioneiro, publicou *Literatura infantil brasileira* (Melhoramentos: 1968), ensaio abrangendo desde o período colonial até Monteiro Lobato. A 4ª edição traz uma nota introdutória esclarecedora de Glória Pondé. Nesse mesmo ano, Maria Antonieta Cunha lançou *Como ensinar literatura infantil* (Editora Bernardo Álvares), dedicado a professores que atuavam nos anos iniciais do ensino fundamental com o intuito de contribuir para a capacitação de alunas-mestras do curso de formação de docentes, despertando nas futuras professoras o gosto pela literatura infantil. Em meados da década de 1970, a autora também publicou *Poesia na escola* (Discubra: 1976).

Avançando um pouco mais, dentre os estudiosos que publicaram no início dos anos 1980, destacam-se Marisa Lajolo, com *Monteiro Lobato* (Abril Educação: 1981); Eliana Yunes, com *O lugar da fantasia na literatura infantil* (PUC-RJ: 1981) e *Questões fundamentais da literatura infantil* (PUC-RJ, 1981 2ed); Glória Pondé, com *Realidade para Crianças e Jovens (Comunicação, 1982)*; e *Literatura infantil teoria e prática* (Ática: 1983), de Maria Antonieta Cunha. Ainda nesse ano, Nelly Novaes Coelho apresentou o *Dicionário crítico da literatura infantil e juve-*

## *A reflexão crítica sobre a produção de livros para crianças e jovens avançou na década de 1980, em relação à anterior, embora o Brasil do início daqueles anos ainda recebesse os ventos da ditadura militar.*

*nil brasileira* (Quíron, 1983). O objetivo fundamental era organizar a massa heterogênea da produção literária infantil e juvenil desde a vinda de D. João, em 1808, até 1982, ano do primeiro centenário de nascimento de Monteiro Lobato e da atribuição do prêmio internacional Hans Christian Andersen à Lygia Bojunga Nunes, pelo conjunto da obra. Este prêmio, em homenagem ao poeta e escritor dinamarquês, considerado o *pequeno* Nobel da literatura infantojuvenil, é concedido a cada dois anos pela International Board on Books for Young People (filhada a UNESCO) para escritores e ilustradores.

No ano seguinte, Marisa Lajolo e Regina Zilberman lançaram *Literatura infantil brasileira: história e histórias* (Ática: 1984); Glória Pondé, *A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas* (Antares, 1984) e, em 1985, *A arte de fazer artes* (Nórdica). É desse mesmo ano o *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil* (Quíron: 1985), de Nelly Novaes Coelho, obra em que procura rastrear a gênese e a evolução da literatura infantil, desde as origens populares indo-europeias até o Brasil contemporâneo, com a preocupação dos dados histórico-culturais que, direta ou indiretamente, atuaram (ou atuam) na criação literária destinada às crianças ou aos adultos, influenciando na escolha e no tratamento de seus temas, assuntos, problemáticas, linguagem, estilo, estrutura narrativa, entre outros. Dois anos depois, ela retomou a questão em *O conto de fadas: mitos, símbolos e arquétipos* (DCL: 1987), um profundo apanhado histórico, acompanhado por análises das obras de autores clássicos como Esopo, Perrault, La Fontaine, Grimm, Andersen, dentre outros. Especialista em literatura portuguesa, a autora dedicou-se também aos estudos do fenômeno e publicou uma obra teórica consistente.

Mais adiante, em parceria com Eliana Yunes, Glória Pondé escreveu *Leitura e leituras da literatura infantil* (FTD: 1988). O livro discu-

te a postura dos educadores e do governo na ação de estimular o gosto pelo livro e pela leitura. Pretende também encorajar adultos que não têm formação acadêmica na área a trabalhar a leitura literária, a partir de obras que as crianças leem. Ainda no final dessa década, Fany Abramovich lançou *Literatura Infantil: gostosuras e bobices* (Ática: 1989).

### O PANO DE FUNDO DA OBRA

**A** reflexão crítica sobre a produção de livros para crianças e jovens avançou na década de 1980, em relação à anterior, embora o Brasil do início daqueles anos ainda recebesse os ventos da ditadura militar. Àquela época, assiste-se à pressão por eleições, em grande envolvimento da sociedade civil pela redemocratização, visando à sua participação direta na escolha de seus governantes.


O cenário econômico não era dos mais favoráveis, endividamentos, altos índices de inflação e estagnação econômica. A estabilidade econômica só chegaria na década de 1990. Por isso, a década de 1980 ficou conhecida como a década perdida, do ponto de vista econômico, do crescimento e do desenvolvimento, terminando com uma hiperinflação. Só no final da década, com a promulgação da constituição de 1988, o país assistiu ao fim da ditadura.

Novos ares começam a ser soprados com a constituição; é quando Fernando Collor de Mello vence a primeira eleição direta, após o regime militar. No final dos anos 1980, o Brasil e o mundo não são mais os mesmos. A guerra fria acaba e ganha força o processo de globalização econômica como resultado de uma política internacional alinhada ao Consenso de Washington, marco fundamental da ordem mundial (Cf. Ribeiro)<sup>2</sup>.

É nesse cenário que autores, ilustradores e especialistas da literatura infantil e juvenil brasileira, tal como a indústria cultural emer-

gente, se moviam no período de 1970 e 1980. Muitas perguntas surgiram. Como, o que e para quem produzir? Que lugar ocupa essa produção? Quem produz livros de qualidade para crianças e jovens no Brasil dos anos 1980? Que caminhos o livro percorre para chegar às mãos do leitor? Como escolher um livro? Essas são indagações que Glória Pondé e seus pares tentaram responder na época, mas que ainda continuam postas aos pesquisadores.

### IMPORTÂNCIA DA OBRA *A ARTE DE FAZER ARTES*

 que faz uma obra, escrita na década de 1980, permanecer atual e ainda contribuir para os estudos da área? Uma análise do texto aponta para questões fundamentais já sinalizadas pela autora e que ainda permanecem em pauta nos dias atuais. O resgate e a releitura desses textos, com o distanciamento crítico que o tempo permite, contribuem e muito para pensar esse objeto de estudo em uma época determinada bem como a evolução dessa literatura ao longo do tempo.

A partir dos anos 1970, a literatura infantil e juvenil brasileira inaugura uma fase extremamente fértil, com um projeto estético criativo e ousado, refletindo o momento histórico conturbado, ainda que sob o clima da ditadura. Na esteira da obra original de Lobato, que promoveu a renovação do gênero, surgem nomes como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo e João Carlos Marinho, para citar alguns autores que ainda continuaram produzindo livros para crianças e jovens. Ao lado desses destacam-se outros escritores, já conhecidos, que emprestaram seu prestígio e também publicaram para esse público, como Mario Quintana, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Vinícius de Moraes.

A ruptura com a imagem exemplar da criança retratada nos livros voltados para a escola, ao lado da valorização da criatividade, da inventividade, da liberdade de expressão e da autonomia representam a expressão estética da época. Outros elementos passam a ser valorizados na produção, e Glória Pondé já chamava a atenção do leitor para a importância do projeto editorial, consubstanciado na melhora da diagramação, do projeto gráfico, do

acabamento, da ilustração e não apenas do texto verbal; tais aspectos passaram a ser valorizados mais tarde, alçando merecidamente os ilustradores à categoria de autores.

Para situar a época e o contexto de produção e recepção, a autora faz um levantamento dos índices de analfabetismo, do número de bibliotecas e livrarias, das obras e pesquisadores que atuaram e publicaram desenhando um panorama da década. Mostra também a importância das instituições promotoras de leitura, dentre elas a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), criada em 1968, na qual Glória Pondé atuou desde 1978, tornando-se diretora mais tarde, entre 1984 e 1986, sucedendo a Laura Sandroni.

Com um olhar atento voltado para a produção dos anos 1970 até a publicação de sua obra, em 1985, a autora analisa os recursos estéticos que levam à experimentação, ao abandono do didatismo, do maniqueísmo e à retomada em relação à obra de Lobato. Pontua os artifícios usados pelos autores para driblar a repressão e falar ao interlocutor criança. Ao analisar os depoimentos de Ana Maria Machado e de Ruth Rocha, esclarece ao leitor experiente em que medida as autoras tentam romper com os padrões convencionais e exploram os recursos lúdicos da linguagem, dão voz à fala miscigenada brasileira, sem preconceitos, e sinalizam o caráter de resistência dessa literatura.

Do ponto de vista do leitor e das finalidades de leitura, Pondé aborda o processo de compreensão e recepção, a visão da linguagem moderna para dialogar com esse leitor, apoiando-se nos estudos da Estética da Recepção, que rompe com o exclusivismo da teoria de produção e representação da estética tradicional e considera a literatura enquanto produção, recepção e comunicação, ou seja, uma relação dinâmica entre autor, obra e leitor. A pesquisadora consegue traduzir para uma linguagem mais acessível a importância desse novo paradigma da investigação literária e discursiva junto com suas implicações no ato da leitura – eis aí considerações ainda pertinentes para o estudo da literatura. Critica a imagem da cultura, do país “**bonito por natureza**”, embrião do pensamento crítico que

*Pondé delinea o projeto estético e ideológico da década de 1970, retoma a obra de Lobato, um desconhecido daquela e dessa geração, que só o conhece pela TV, mas cuja proposta contém os germes da literatura infantil e permanece até hoje, ao mostrar criticamente a realidade.*

vai aprofundar no livro *Brasil em cantos e versos: natureza*, uma antologia que reúne poemas, letras de música popular brasileira, charges, cartuns e quadrinhos, em parceria com Rosa Cuba Riche e Vera Sobral, publicada em 1992, pela Melhoramentos.

Alguns conceitos importantes para pensar a identidade brasileira são retomados pela autora, como o conceito de cultura popular, que não é único, mas foi sendo construído aos poucos na nossa história. Destacam-se outras preocupações, como a de distinguir o caráter literário de uma obra, não se deixando confundir com as propostas educacionais ou moralizantes, e também o cuidado com a proximidade da literatura com a pedagogia e a escola. Glória chama a atenção para o papel do escritor, que deve levar ao extremo a ambiguidade, através da linguagem, instaurando um universo e um espaço de interação. Também explicita o conceito de pacto de leitura que se estabelece entre texto e leitor, coloca o leitor em cena, dando-lhe voz e vez.

Pondé delinea o projeto estético e ideológico da década de 1970, retoma a obra de Lobato, um desconhecido daquela e dessa geração, que só o conhece pela TV, mas cuja proposta contém os germes da literatura infantil e permanece até hoje, ao mostrar criticamente a realidade.

Trata igualmente das tendências da produção dos anos de 1980. Focaliza a atualização das fontes populares, com vistas a uma revitalização crítica da memória nacional, a desmistificação da fantasia e sua utilização para refletir criticamente o real, tematizando os problemas da sociedade contemporânea. É o que faz Lygia Bojunga Nunes, com implicações psicológicas, ou mesmo o tratamento dado à representação da realidade. Salienta a presença do grotesco, do folclore, dos mitos, o lugar da poesia, da aventura, do conto policial, da linguagem dos quadrinhos e do teatro infantil.

A autora traça, ainda, uma visão panorâmica

do nascimento da literatura infantil na Europa. Compara versões de um mesmo conto de fadas à luz dos estudos de Bakhtin; sinaliza o recurso da paródia empregado pelas autoras da época, como Ana Maria Machado e Ruth Rocha, os efeitos da carnavalização, do cômico e seus vínculos com a literatura popular, as inovações de conteúdo e reflete sobre a estrutura textual. Outro aspecto para o qual ela chama a atenção do leitor é a importância da obra de Orígenes Lessa no cenário literário. Considerado por muitos especialistas o sucessor de Lobato, a obra desse autor foi alvo de estudos mais aprofundados que Pondé fez sob as perspectivas dos estudos literários, antropológicos e psicanalíticos.

*A arte de fazer artes* é uma obra organizada em blocos e assim, no 6º bloco, como antecipa o título, o leitor faz “Um mergulho no tempo – a volta às origens”. Nele, a autora parte do conceito de literatura infantil e juvenil, revisita os textos primordiais, destaca momentos decisivos, desde o século XVIII, passa pelos primórdios da produção brasileira e chega até os anos 1980. Essa parte organiza o estudo do gênero de uma maneira mais didática para os menos iniciados e os que desejam prosseguir nesse estudo.

As relações entre literatura e realidade na obra infantil ocupam o 7º bloco. A autora pinça conceitos filosóficos como a *mímeses*, do grego Aristóteles, e atualiza-o com o instrumental teórico do alemão Auerback. Adota conceitos que continuam muito apreciados e válidos até hoje e adapta-os aos estudos de obras para crianças e jovens. Analisa ainda trechos de obras de autores da época, chama a atenção para as inovações gráficas inseridas por Ziraldo, nem sempre valorizadas pela crítica especializada, e mergulha nas diferentes manifestações do Realismo e do Simbolismo. Costura as reflexões sobre esses movimentos literários com o quadro da literatura infantil brasileira da época, estabelecendo pontes esclarecedoras para o

leitor.

O 8º bloco é dedicado ao estudo da poesia e às características do gênero. Das memórias da infância aos autores do Modernismo, ressalta a percepção do mundo através da linguagem, a estreita relação entre mito, linguagem e arte, a importância das parábolas, a musicalidade de acalantos que inspirou compositores clássicos, gênios da música que fizeram deles motivos para suas obras. Analisa poemas de Cecília Meireles e de Vinícius de Moraes, observando temas, recursos empregados e o experimentalismo de vanguarda que marcou a obra desses autores. Vale lembrar que o conteúdo deste bloco foi originalmente um estudo independente, que recebeu o prêmio Silvio Romero, da FUNARTE, em 1982.

## O CONTEXTO DA PRODUÇÃO E O LUGAR DA LEITURA: ONTEM E HOJE

A educação no Brasil da década de 1980 tentava colocar na prática a lei n. 5692 de 1971, que recomenda a leitura de autores nacionais em sala de aula. Ela permite justificar o aumento significativo de autores e ilustradores, o crescimento do número de exemplares publicados e a melhoria da qualidade dos textos. Pondé salienta o despertar para a importância da leitura, a preocupação nacionalista de mostrar nossa identidade cultural e de fortalecer o mercado, que naquele momento se abre para a importação de produtos estrangeiros. Se de um lado as editoras, em sua maioria multinacionais, faziam adaptações dos textos de outros para baratear custos; de outro lado, na contramão dessa produção, surgia um grupo de escritores e ilustradores que se empenhava em fazer uma produção de qualidade. Naquele momento, o Governo Federal priorizou a educação básica com seu público de 0 a 14 anos; igualmente focalizando o mesmo público iniciante, o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) foi mobilizado para a pré-escola.

O Brasil da segunda década dos anos 2000, com seus mais de 209 milhões de habitantes, vive uma crise econômica. A inflação nem sempre fica nos níveis projetados pelo governo e a alta do dólar exerce uma forte pressão inflacionária, principalmente sobre os preços

dos alimentos, sem falar em outros insumos importantes para a indústria do livro.

Na educação, discute-se e é aprovada a reforma do Ensino Médio, alavancada pelo alto índice de evasão escolar, pela total falta de estímulo por parte dos alunos. Discute-se também o Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da educação básica e vai requerer um esforço conjunto entre União, Estados e Municípios na construção desta base.

Na área da proficiência em leitura, vale analisar os resultados do relatório Pisa 2015, divulgados em dezembro de 2016, que testou cerca de 540 mil estudantes de 15 anos de idade em 72 países. Trata-se do mais importante exame educacional do mundo, elaborado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com o intuito de aferir a qualidade, a equidade e a eficiência dos sistemas escolares. São três as áreas avaliadas: ciências, leitura e matemática. Os estudantes brasileiros tiveram desempenho abaixo da média da OCDE. Em Ciências e leitura, os dados revelaram estagnação, ao passo que em Matemática houve uma pequena queda na *performance*. Os resultados mostraram mais uma vez os alunos brasileiros nas últimas posições do *ranking*. Entre as 72 nações, o relatório mostrou o Brasil na 59ª posição em leitura. Os alunos brasileiros obtiveram em leitura 407 pontos contra 493 da média da OCDE. Entre os pontos evidenciados como problemáticos, situam-se também a alta taxa de reprovação do sistema educacional brasileiro e a defasagem do nosso investimento em educação, se comparado a outros países do mundo.

Este relatório também destaca que, no Brasil, 71% dos jovens na faixa de 15 anos de idade estão matriculados na escola a partir da 7ª série, o que corresponde a um acréscimo de 15% em relação a 2003, constituindo uma ampliação notável de escolarização. “O fato de o Brasil ter expandido o acesso escolar a novas parcelas da população de jovens sem declínios no desempenho médio dos alunos é um desempenho médio dos alunos é um desenvolvimento bastante **positivo**”, diz o documento. Para alguns especialistas, o PISA não avalia tudo o que a escola faz, mas mede

aspectos importantes. Assim sendo, para ultrapassar a média de leitura, especialistas acreditam que o país levará 58 anos<sup>3</sup>.

A população aumentou, o índice de jovens matriculados na escola cresceu, mas a proficiência em leitura continua abaixo do esperado em relação aos demais países. A necessidade de valorizar os professores, de investir mais na formação docente e em políticas públicas de aprendizagem são aspectos necessários que também foram sinalizados nos resultados.

## O QUE AINDA NÃO MUDOU?

Desde a década de 1980 aos dias atuais, a produção de livros para crianças e jovens ganhou em qualidade, rompeu barreiras e tornou-se reconhecida através de prêmios internacionais. Os escritores Ana Maria Machado e Roger Mello foram agraciados com o prêmio internacional Hans Christian Andersen, respectivamente em 2000 e 2014; além disso, muitos outros prêmios importantes foram recebidos também por seus pares, ao longo desse período. A participação de autores e ilustradores brasileiros com obras incluídas em listas internacionais de livros de literatura infantil e juvenil aumenta a cada ano. O Brasil é homenageado em feiras e salões de livros e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil segue promovendo autores, ilustradores e obras, que se destacam pela qualidade estética e literária.

Por outro lado, tal como um relato dado à ensaísta Heloísa Buarque de Holanda à época e inserido por Pondé em *A arte de fazer artes*, nem todos os cursos de Letras oferecem aulas de literatura infantil e juvenil regularmente. Há uma desatualização dos professores nessa matéria, parece ainda permanecer nos meios acadêmicos um certo ranço de preconceito em relação ao gênero. Pode parecer um contrassenso, mas, embora tenha crescido consideravelmente o número de grupos de pesquisadores e a produção acadêmica na área, infelizmente, nem sempre ela chega ao público de graduandos de Letras, de Pedagogia e de docentes atuantes nos níveis de ensino fundamental e médio. Os professores que vão trabalhar com crianças e adolescentes de maneira geral não conhecem a produção atualizada, por isso são sempre bem-vindas obras

como *A arte de fazer artes*, que traduzem em uma linguagem acessível conceitos importantes da área, oferecendo ao leitor/professor ferramentas para analisar obras com as quais vai lidar em sua prática pedagógica. O subtítulo pode acenar para uma receita, mas, ao contrário, trata-se de uma análise ampla do fenômeno literatura infantil brasileira, apresentando a pesquisa com o olhar de uma autora com larga experiência docente nos diferentes níveis de escolaridade, da educação básica à pós-graduação.

Cabe enfatizar que a bibliografia teórica consultada pela autora deste livro inclui obras de pesquisadores de diferentes áreas e serve de ponto de partida para aqueles que pretendem continuar pesquisando. Além disso, Pondé faz parte de uma geração de estudiosos da literatura infantil e juvenil que, depois dos primeiros passos dos pioneiros, mergulhou nesse objeto de estudo e até hoje contribui para a formação de novos pesquisadores e professores interessados no tema.

## NOTAS

1. Este texto é fruto de pesquisa realizada para a apresentação do livro *A arte de fazer artes*, de Glória Pondé, SESI, 2016.
2. (RIBEIRO, Paulo Silvino. "Os anos 80 no Brasil: aspectos políticos e econômicos"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/os-anos-80-no-brasil-aspectos-politicos-economicos.htm>>. Acesso em 1 de dezembro de 2016. )
3. ALAVARSE, Ocimar Munhoz. In: <http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/brasil-mantem-ultimas-colocacoes-no-pisa/>, acesso em 9/12/2016.

## SOBRE A AUTORA

ROSA CUBA RICHE possui graduação em Letras - Português Literaturas (UGF), mestrado em Literatura Brasileira (UFRJ) e doutorado em Ciência da Literatura (UFRJ). É professora associada do CAP/ UERJ, Departamento de Línguas e Literatura. Membro do GT de Leitura e literatura infantil e juvenil da ANPOLL, integrante dos Grupos de Pesquisa "A narrativa ficcional para crianças e jovens: teorias e práticas culturais para crianças", (UERJ) e Linguagem e Educação: Ensino e Ciência, (CAP/UERJ). É autora de livros, capítulos e artigos sobre leitura, produção textual e literatura infantil e juvenil.